Cada vez menos bancos podem abrir créditos

FROTA NETO
Correspondente

Genebra — A crise mundial obrigou os bancos que operam no mercado internacional a repensar suas estratégias de empréstimos. Se os grandes bancos estão sendo obrigados a permanecer no mercado, inclusive renegociando a dívida elevada de um grupo de países do Terceiro Mundo, os pequenos e médios têm batido sistematicamente em retirada. Esses bancos estão alarmados com o envolvimento a que chegaram no explosivo endividamento dos países subdesenvolvidos em geral e da América Latina em particular.

Essa análise de especialistas que atuam na área é desdobrada para o caso específico do Brasil. Quando o Brasil teve que renegociar sua dívida, e partiu para o chamado empréstimo-jumbo (US\$ 6,5 bilhões) as autoridades brasileiras tiveram que submeter seus dossiês de negociação a representantes de mais de 700 bancos que formam o conjunto de credores privados do Brasil. Se, em futuro próximo, as novas necessidades de financia-

mento do Brasil não se reduzirem, o número de portas a se mantêrem abertas será bem menor. O número de bancos que está hoje em plena atividade de operações internacionais de envergadura não chega a 100.

A conclusão de um levantamento feito no quadro geral da crise econômica do mundo industrializado e financeira do mundo em desenvolvimento envolve o que aconteceu nos anos 70. Depois de uma década em que bastava pedir emprestado para obter crédito, os países em dificuldades, ainda que menores que as do Brasil, encontram cada vez mais barreiras para ter acesso a novos empréstimos. A crise obrigou os bancos a repensar suas estratégias de empréstimo, explica uma fonte que atua no mercado, mas sem justificar o suficiente o fechamento das fontes de suprimento de crédito, notadamente quanto aos pequenos e médios bancos que estão abandonando o mercado internacional.

Mas o "bater em retirada" não está acontecendo apenas quanto aos pequenos e médios bancos. Isso significa dizer que no corredor por onde passa o fluxo financeiro para o Terceiro Mundo começa a haver um gigantesco gargalo. Ou seja, no atendimento às necessidades mais expressivas de créditos não deverá ficar senão um grupo de 20 a 30 grandes bancos. Talvez alguns poucos mais, esses contudo num espaço exclusivo e reservado para as multinacionais que operam nos países altamente endividados.

Essa asfíxia de crédito só encontra um elemento possível para melhoria. Todas as esperanças estão repousando na retomada do crescimento econômico mundial. Mas até que isso aconteça, ao contrário do que se deu nos anos setenta, não é mais a América Latina (com seus US\$ 370 bilhões de débito), e dentro dela o Brasil (quase US\$ 100 bilhões de dívida), a região mais promissora para novas oportunidades de operação dos bancos.